



Revista Brasileira em Promoção da Saúde

ISSN: 1806-1222

rbps@unifor.br

Universidade de Fortaleza

Brasil

Pilon, André Francisco

Construindo um mundo melhor: abordagem ecossistêmica da qualidade de vida

Revista Brasileira em Promoção da Saúde, vol. 19, núm. 2, 2006, p. 0

Universidade de Fortaleza

Fortaleza-Ceará, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=40819207>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

CONSTRUINDO UM MUNDO MELHOR: ABORDAGEM ECOSISTÊMICA DA QUALIDADE DE VIDA

Building a better world: the ecosystemic approach to quality of life

Perspectiva e controvérsias

RESUMO

Qualidade de vida, ambientes naturais e construídos, bem-estar físico, mental e social, estão atualmente prejudicados por todo tipo de agravo e injúria, em um contexto de desumanização, massificação e reificação. Ao invés de aceitar as “bolhas na superfície” e definir os problemas atuais em termos de representações fragmentadas da realidade, a abordagem ecossistêmica proposta trabalha com as configurações dinâmicas e complexas “dentro do caldeirão efervescente”. Os eventos são definidos como configurações que entrelaçam quatro dimensões de estar-no-mundo: íntima, interativa, social e biofísica (processos cognitivos e afetivos; apoio recíproco e valores no grupo; aspectos políticos, econômicos e culturais; ambientes naturais e construídos, seres e coisas). O diagnóstico e o prognóstico levam em conta as quatro dimensões como doadoras e receptoras, induzindo eventos (favoráveis e desfavoráveis); lidando com os efeitos (desejados e indesejados) e contribuindo para a mudança. Ao invés de se projetar para o futuro as tendências de hoje, propõe-se a definição prévia das metas desejadas e a exploração de novos caminhos para alcançá-las. Processos heurístico-hermenêuticos nos nichos socioculturais de aprendizagem desvelam os paradigmas culturais e epistêmicos que orientam as relações sujeito-objeto, elevando patamares, ao invés de “corrigir” situações para torná-las “certas”. Responsabilidade, equidade, sustentabilidade e empoderamento, eventos capacitadores em ética, cultura, educação, ambiente, saúde e qualidade de vida são associados com o desenvolvimento de um modelo ecossistêmico de cultura, tendo em vista novos conceitos de conhecimento, riqueza, poder, crescimento, trabalho e liberdade. A proposta integra as áreas de desenvolvimento, ecologia política, psicologia e antropologia, dando às pessoas a oportunidade de refletir sobre suas realidades, comprometendo-se com experiências cruciais para o encontro de novas formas de viver melhor em um mundo melhor.

Descritores: Qualidade de vida; Cultura; Educação; Ambiente; Ecossistemas;

ABSTRACT

Quality of life, natural and man-made environments and physical, social and mental well-being are presently undermined by all kinds of hazards and injuries, in a context of dehumanisation, depersonalisation and reification. Instead of accepting the “bubbles in the surface” and define actual problems in terms of fragmented representations of reality, the proposed ecosystemic approach works with the dynamic and complex configuration “inside the boiling pot”. Events are defined as configurations intertwining four dimensions of being-in-the-world: intimate, interactive, social and biophysical (subject’s cognitive and affective processes; group mutual support and values; political, economical and cultural systems; natural and man-made environments and contexts). Diagnosis and prognosis take into account the four dimensions as donors and receptors, inducing the events (deficits and assets); coping with effects (desired or undesired) and contributing for change. Instead of projecting into the future of today trends, it proposes a previous definition of desirable goals and exploration of new paths to reach them. Heuristic-hermeneutic communication processes in the socio-cultural learning niches unveil cultural and epistemic paradigms which orient subject-object relationships, “enhancing” and “up-grading”, instead of “repairing” situations to make them “straight”. Accountability, equity, sustainability and empowerment, capacitating events in ethics, culture, environment, health and quality of life are associated to the development of an ecosystemic model of culture, having in mind new concepts of knowledge, wealth, power, growth, work and liberty. The proposal unites the developmental areas, ecological politics, psychology and anthropology, giving people the opportunity to reflect on their own realities engaging themselves in crucial experiences for finding new ways of living better in a better world.

Descriptors: Quality of Life; Culture; Education; Environment; Ecosystems.

André Francisco Pilon⁽¹⁾

1) Pedagogo, Professor Associado, Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo.

Recebido em: 20/06/2005.

Revisado em: 31/08/2005

Aceite em: 22/03/2006

AS BOLHAS OU O CALDO EFERVESCENTE?

O mundo de hoje padece sob o impacto de poderosos interesses, cujas estratégias hegemônicas, econômicas, políticas e culturais afetam gravemente a saúde física, mental e social, tanto nos países ditos desenvolvidos como não desenvolvidos, com terríveis conseqüências para a saúde e o meio ambiente.

A definição e a compreensão dos problemas, controladas por esses mesmos interesses, são prejudicadas por representações fragmentadas da realidade, que se limitam às “bolhas de superfície”, objeto de discursos acadêmicos ou manchetes de jornais, ignorando o caldo no bojo do caldeirão efervescente conforme representado nas figuras 1 e 2.

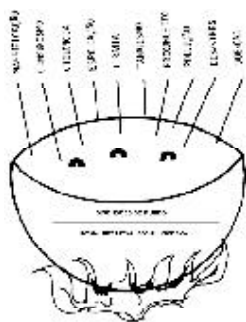


Fig. 1. Os problemas estão no bojo do caldeirão efervescente, não nas bolhas que estouram na superfície.



Fig. 2. A qualidade de vida expressa os enlaces e as rupturas entre as diferentes dimensões de mundo.

Projetos dirigidos às bolhas da superfície ocultam graves anomalias no bojo do caldeirão, gerando uma *exclusão de princípio*: diagnóstico redutor, políticas segmentadas, agravamento da situação. Nessa situação, ao tentar desembaraçar os fios do novelo, mais emaranhada torna-se a meada.

No bojo do caldeirão subsiste um sistema caracterizado pela noção de *poder* como “domínio e exploração”, *riqueza*, como “exploração predatória”, *crescimento*, como “expansão

ilimitada”, *trabalho*, como “especialização”⁽¹⁾, em prejuízo da qualidade de vida e do ambiente físico e social.

A “inclusão” nesse sistema de coisas gera um círculo vicioso: os novos “incluídos” acreditam que podem gozar irrestritamente das “benesses” oferecidas pelo sistema que os excluiu, debitando às próprias vítimas problemas estruturais, sem questionar as estruturas responsáveis pela exclusão¹.

Sob o patrocínio de uma devastadora rede de “produtores e consumidores egocêntricos”⁽³⁾, legitima-se uma cultura de gozo imediato e exclusivo de recursos, posições e recompensas, em que alguns podem usufruir de todos os “direitos” e os demais acumulam toda sorte de obrigações.

A problemática atual tem como pano de fundo um “modus vivendi” desastroso, que repercute de forma cruel sobre os segmentos desfavorecidos da população, coartados em seu desenvolvimento e incentivados a buscar, a qualquer preço, os simulacros oferecidos pela sociedade de consumo, na tentativa de igualar-se aos mais privilegiados.

A capacidade de escolha e decisão é afetada, pelo lado da *oferta*, por um quadro de “opções” preestabelecidas pelas estratégias de “marketing” e propaganda^{II}, pelo lado da *demanda*, pela perda de sensibilidade e capacidade crítica para distinguir o que efetivamente importa para a qualidade de vida.

Uma guerra civil não declarada faz vítimas diárias^{III}, solapando a confiança mútua na sociedade como um todo, devido a toda sorte de desmandos e injúrias, à crescente criminalidade em todas as esferas, que, sob o rótulo de “desenvolvimento”, aceleram a deterioração de valores que levaram séculos para serem construídos.

O “inimigo” se incorpora ao próprio sistema e escapa à detecção em qualquer sítio em particular. A confiança mútua, como estrutura portadora das relações humanas, é indelevelmente abalada pela imposição, às vezes sutil, às vezes brutal, dos mais variados interesses, tais quais “vorazes raposas, a tomar conta de um galinheiro”⁽⁶⁾.

Nesse contexto, o neoliberalismo assemelha-se a um anarquismo às avessas; enquanto este preconiza a cooperação entre os homens, a produção de bens em escala humana, o

¹ Nesse sentido, Labonte (2004) pergunta: como incluir indivíduos e grupos em um contexto estruturado de relações sociais, se este contexto é o responsável pela exclusão? em que medida a chamada “inclusão social” não acomodaria os sujeitos em uma posição passiva, ao invés de desafiar as hierarquias instaladas^{(2)?}

^{II} Ao contrário do que ocorre com o discurso verbal, esquemas dinâmicos, com potencial estruturador, são inculcados pelos meios de comunicação social, como a televisão, que atuam diretamente sobre as pessoas, legitimando modelos de conduta; o raciocínio não mais se interpõe entre sujeito e realidade⁽⁴⁾.

^{III} Não surpreende que os brasileiros, em geral, permaneçam afastados da vida cívica. As cidades estão entre as mais violentas, economicamente desiguais e problemáticas do mundo. Enquanto a elite vive em enclaves fortificados, um quarto dos moradores urbanos amontoam-se em moradias improvisadas nas favelas, frequentemente sem acesso a nenhum serviço social e dependendo do clientelismo para sobreviver⁽⁵⁾.

respeito ao ambiente natural e construído, a descentralização política e econômica, os atuais modelos de desenvolvimento levam ao inverso^{IV}.

Enquanto aliam-se à onipotência da tecnologia^V, deteriora-se a qualidade de vida, espaços públicos necessários à cidadania, ao trabalho, à educação, à convivência e ao lazer ficam à mercê dos interesses que os exploram, carências de toda ordem são “substituídas” por simulacros de consumo, busca-se a segurança específica às custas da insegurança geral.

O declínio cultural reflete-se na perda de sensibilidade e capacidade crítica para discernir e implementar valores estéticos, éticos e culturais, hoje substituídos pela comunicação de massa, por jargões, “slogans” e propaganda interesseira, pela algaravia sonora das corporações de negócios.

A degradação da cultura é mais grave do que a ausência de direitos prescritos. Direitos civis, políticos, econômicos ou sociais necessitam de uma cultura que os sustente, sob pena de figurarem apenas no papel. Além dos códigos, estruturas e instituições, dos direitos e deveres estatuídos, estão os processos e condições que os sustentam.

Rompido o tecido cultural, as salvaguardas públicas tornam-se inócuas, as massas, guiadas pelo carrossel do consumo tornam-se vítimas de um gigantesco “shopping mall” de liberdades e prazeres imediatos, controlado por espertos oportunistas, que passam a ditar condutas desvinculadas de qualquer responsabilidade.

A luta contra a corrupção, as iniquidades e as injustiças (não deixando em paz quem as pratica ou com elas compactua), implica no reconhecimento de que são consequências do sistema que lhes dá guarida e não resultam, apenas, de peculiaridades individuais, como podem levar a crer os contextos dramático-narrativos dos “mass-media”⁽⁹⁾(Macé, 2001).

Direitos humanos não podem ser “colados” em contextos de vida desfavoráveis para torná-los, por milagre, favoráveis; é preciso cuidar do caldeirão efervescente, das iniquidades e

dos abandonos; o cuidado com o outro não se confunde com pactos de interesses, legítima defesa ou simples solidariedade⁽¹⁰⁾.

A outorga de direitos não é suficiente: dar a todos o “direito de tocar piano” não implica em liberdade *para* tocá-lo, se ninguém aprendeu como fazê-lo e se o piano não existe. Liberdade não é apenas a ausência de coerção externa (liberdade “de”), mas é a possibilidade de escolher o que é melhor para si e para os demais (liberdade “para”)(11).

Qualidade de vida, direitos humanos, ambiente físico e social transcendem os fatores meramente econômicos, necessitam de um universo ético e cultural, sem o qual nenhuma legislação garante qualidade de vida plena, o acesso ao que há de melhor na herança da humanidade, em termos de educação, cultura, arte, beleza, criatividade, convívio e paz⁶.

FUTUROS ALTERNATIVOS E FORMAS DE ESTAR-NO-MUNDO

O planejamento *normativo* projeta para amanhã as tendências de hoje, o *exploratório* define previamente os objetivos e explora novos caminhos para atingi-los⁽¹³⁾. Visões transformadoras vão além de um repertório técnico ou instrumental, futuros alternativos^(14,15); exigem novas visões de mundo.

É preciso superar os “diagnósticos competentes” de uma realidade distorcida pelos próprios “diagnósticos competentes”. A consciência da crise implica em “não saber com que carta ficar”⁽¹⁶⁾; numa situação de crise é vão tentar “descobrir a verdade”, ela é uma qualidade que falta às crenças e às coisas que nos cercam.

Os valores gerados em um sistema refletem o próprio sistema (“valor sistêmico”) e não podem ser analisados isoladamente (valor “intrínseco”). Observar um conjunto de competências e técnicas é insuficiente; prescrição, auto-suficiência devem ser abandonadas em favor da criação e da descoberta de novas formas de estar no mundo.

^{IV} O neoliberalismo procurou atomizar a sociedade e destruir todos os vínculos, exceto os contratuais; como consequência, esmagou as redes de solidariedade e piorou a distribuição de renda. Seus proponentes dizem que o mundo beneficiou-se do maior crescimento econômico da história. O que eles esquecem é que deu origem às piores formas de violência e rebelião, devido à ruptura do contrato social⁽⁷⁾.

^V As atuais estratégias de desenvolvimento usualmente ignoram, subestimam e solapam condições essenciais para a qualidade de vida⁽⁸⁾. Os modelos de desenvolvimento têm diferentes consequências: desenvolvimentista; neo-liberal; de desenvolvimento humano.

^{VI} As políticas para “cidades saudáveis” preconizam ambientes seguros, limpos, incluindo a moradia; ecossistemas estabilizados e sustentáveis; comunidades fortes, solidárias e não autodestrutivas; ampla participação e controle públicos da qualidade de vida e do atendimento às necessidades básicas; acesso a variada gama de experiências, recursos, contatos, interação e comunicação; economia diversificada, vital e inovadora; alto nível de saúde pública; acesso universal aos cuidados de saúde/doença, preservação da memória urbana, da herança cultural e biológica dos cidadãos e ambientes saudáveis⁽¹²⁾.

O que está em jogo é a capacidade para responder aos desafios representados pelas formas de estar no mundo, a solução dos problemas depende da teia das relações com a natureza, com o cosmos, com forças que escapam ao nosso controle⁽¹⁷⁾; a existência humana não pode permanecer fechada sobre si mesma.

Um novo conceito de “normalidade”, além da “reparação” ou do “conserto” de coisas ou pessoas⁽¹⁸⁾, depende de novos paradigmas, de um novo patamar, que não é apenas um “up-grade” tecnológico, mas implica aspectos éticos, sociais, políticos, econômicos, culturais e educacionais..

Mahler distingue dois horizontes possíveis em relação à sociedade futura: o “masculinizante”, hiper-expansionista (*he*), com ênfase apenas na tecnologia e o “feminilizante”, saudável, humano e ecológico (*she*), que visa não só ao pão, mas também às flores, não só ao poder, mas também à poesia⁽¹⁹⁾.

Propostas ingênuas, visando mudanças em áreas específicas, não são duradouras; fugazes e aparentes, ignoram o mundo da vida (*Lebenswelt*), que dá sentido para as práticas que se pretende modificar, na forma simbólica que a experiência diária assume, radicada nas experiências dos indivíduos e dos grupos.

A emancipação proposta não se confunde com abordagens restauradoras e fragmentadas, mas apoia-se em um conceito integrado de vida como uma construção coletiva, como alguma coisa que está em processo, como responsabilidade de todos, intimamente relacionada com a revisão dos projetos coletivos.

Não podemos esperar que, em um mundo complexo, a questão esteja vinculada a respostas óbvias, a perguntas estereotipadas; a qualidade de vida é uma porta giratória, está ligada a um relacionamento dialético entre realidades subjetivas e objetivas, é mais uma questão de processos do que de produtos⁽²⁰⁾.

O tipo de conhecimento que temos das coisas, pessoas e situações é relativo, além das categorias da razão lógica, é necessário relacionar “mito” e “razão”⁽²¹⁾. Existe uma “consciência possível”, que conforma a definição dos problemas e as “ações saneadoras”; cuja superação implica em duvidar das certezas que presidiram sua definição

Questões de convivência, segurança, ambiente, educação, cultura, saúde e qualidade de vida não podem ser

equacionadas por propostas segmentadas, voltadas para os problemas-bolha de superfície (sintomas, conseqüências), sem atentar para as diferentes variáveis que se conjugam no bojo do caldeirão efervescente para produzi-los.

Qualidade de vida, cultura, educação, saúde, bem-estar social, ambientes saudáveis, paz e tranquilidade são subprodutos dos modelos de cultura. Não é possível eliminar a degradação ambiental, social e cultural, a corrupção, a iniquidade e a violência, na vigência de visões de mundo que as sustentam.

A existência humana enfrenta diferentes dilemas: *identidade-isolamento* versus *ipseidade-alteridade*; *domínio-sujeição* versus *compromisso-integração*; *abertura-investigação* versus *controle-instrumentação*. É necessário dar um sentido moral e cultural à existência, desenvolver a comunicação e propiciar novas formas de estar-no-mundo.

A educação implica o conjunto da sociedade, não é um remendo a mais em um tecido roto. O que define a educação é a responsabilidade social, a capacidade em desenvolver um enfoque compreensivo do projeto de vida, abrangendo todos os níveis da experiência. Não é possível solucionar problemas sem uma nova forma de encará-los.

Não podemos permanecer indiferentes face às conseqüências de uma cultura controlada por corporações de negócios, pela ciranda dos mercados, pelos meios de comunicação de massa e pela propaganda de poderosos interesses, que buscam associar o consumismo predatório e irresponsável à elevação da qualidade de vida e à felicidade pessoal e coletiva^{vii}.

A ANÁLISE DOS EVENTOS EM UMA PROPOSTA ECOSSISTÊMICA

A realidade, tanto física como social, expressa diferentes espécies de conexões, não resulta da soma de diferentes objetos. Pode ser pensada como um gigantesco holograma, no qual cada região de espaço-tempo reflete os diferentes níveis de complexidade de sistemas e subsistemas⁽²³⁻²⁵⁾.

Sob a ótica da termodinâmica evolutiva, pequenos acréscimos, em sistemas que estão longe do equilíbrio, podem desencadear (devido a relações não lineares), conseqüências globais^(26,27). As intervenções devem levar a movimentos em favor de novas formas de equilibração em um campo dinâmico⁽²⁸⁾.

vii “A vida social está mercantilizada e desumanizada ao extremo, grandes setores da população encontram-se marginalizados, a cultura, a sociedade, a existência humana dotada de sentido estão sendo dissolvidas e reduzidas a relações de mercado”⁽²²⁾.

As propostas ecológicas pressupõem diferentes níveis nessa complexa estrutura, abrangendo micro-sistemas, meso-sistemas e macro-sistemas⁽²⁹⁾. O ambiente, pré e co-existente (*Wirklichkeit*) e suscetível de conceptualização (*Realität*), é antes vivenciado como integrante da existência (*Lebenswelt*)⁽³⁰⁾.

Estruturas e práticas sociais são complementares, alterações estruturais dependem do desenvolvimento de novas formas de estar-no-mundo, o arcabouço técnico, racional e legal (para o qual são remetidas diferentes questões), necessita do conjunto das forças políticas, econômicas, sociais e culturais para produzir resultados.

À semelhança de um holograma, estamos implicados no mundo e o mundo está implicado em nós, o que está implícito e o que está explícito são faces da mesma moeda. Qualquer que seja a dimensão observada, nela vemos o efeito conjugado de todas as demais: indivíduos, grupos, sociedades e entorno espelham-se mutuamente e refletem o todo.

Trata-se de um campo dinâmico, configurado pelo *mundo subjetivo* (sujeitos), pelo *mundo de relações* (grupos primários), pelo *mundo dos homens* (sociedade) e pelo *mundo circundante* (ambiente)⁽³¹⁾. Estar-no-mundo significa existir em diferentes dimensões, que se implicam mutuamente: *íntima, interativa, social e biofísica*⁽³²⁾.

Como indivíduos dotados de *subjetividade*, estamos imersos em uma rede de *relações imediata*, sofremos e reagimos às injunções de uma *sociedade maior* e somos afetados pelas condições de nossos *corpos* e pelo *ambiente* que nos envolve, sobre o qual exercemos uma influência cada vez maior, em termos de seus aspectos naturais e construídos.

Reconhecer a dimensão íntima é reconhecer o sentido que o mundo assume para cada um, reconhecer a dimensão interativa é reconhecer que esse sentido é mediado pelos grupos de referência, reconhecer a dimensão social é reconhecer o contexto cultural, político e econômico, reconhecer a dimensão biofísica é reconhecer o ambiente natural e construído⁸.

Cada dimensão de mundo expressa a si mesma e também espelha todas as demais. Aspectos da dimensão íntima (crenças, valores, atitudes) refletem influências recebidas

pelos sujeitos nas dimensões interativa (grupos a que pertencem), social (sociedade da qual fazem parte) e biofísica (ambiente em que vivem).

A dimensão biofísica circunda e constitui o próprio homem; está tanto “fora” (ambiente) como “dentro” (células, órgãos, sistemas). A representação de mundo passa a ser um fenômeno que ocorre no próprio mundo, como parte integrante dele; as “realidades” do homem e do mundo são interdependentes.

Uma caverna (acidente natural topográfico coexistente) pode ser *experimentada* pelo homem como abrigo, lar, moradia, pode ser *concebida* pelo cientista como cavidade rochosa formada pela ação das águas, passando a objeto de estudo científico e representada mediante conceitos; necessidades e desejos humanos conformam a representação do mundo.

Mediante aspectos da dimensão biofísica (ecúmeno, habitats, objetos e entorno), podemos reconstituir a vida dos sujeitos, grupos e sociedades, mesmo quando extintos há milênios. A dimensão social, por sua vez, poderá revelar características do respectivo entorno físico, em termos de processos e produtos, clima, solo, vegetação etc.

Para a análise dos eventos, é necessário considerar as configurações formadas pela imbricação das diferentes dimensões de mundo, associando motivações (dimensão íntima), apoios reais ou simbólicos de grupos de referência (dimensão interativa), prêmios e sanções (dimensão social) e os ambientes de vida (dimensão biofísica):

- *dimensão íntima*, características dos sujeitos, enquanto mediadores entre variáveis “objetivas” e “subjetivas” (cognição e afeto, *locus* de controle, habilidades, auto-estima, motivos, expectativas, crenças, desejos).
- *dimensão interativa*, características dos grupos primários e de referência (familiares, colegas, amigos, pares, associados), enquanto *locus* de acolhimento, apoio mútuo, trocas afetivas, construção de significados comuns, liderança compartilhada, diálogo, coesão e inclusão.
- *dimensão social*, características da sociedade, condições econômicas e políticas, direitos e deveres, qualidade e equidade, trabalho, segurança, cultura,

^{VIII} Para o fortalecimento de movimentos sociais e a consecução de mudanças democráticas na sociedade, organizações internacionais têm recomendado: considerar as pessoas e os grupos como componentes essenciais de sua própria mudança, ao invés de objetos da mudança; apoiar o diálogo e o debate dos assuntos fundamentais de preocupação, ao invés de elaborar, testar e distribuir mensagens; introduzir as mensagens com sensibilidade no diálogo e debate, ao invés de repassar de forma didática informações de peritos e técnicos; enfocar as normas sociais e políticas, a cultura e os apoios ambientais, não comportamentos individuais; negociar com as pessoas o melhor modo de levar adiante um processo participativo, ao invés de tentar persuadi-las a fazerem algo; enfatizar o papel central das pessoas afetadas pelos problemas, ao invés de dirigir o processo por peritos e técnicos de agências externas⁽³³⁾.

comunicação, cidadania, saúde, ambiente, transporte, moradia, lazer.

- *dimensão biofísica*, características do ambiente natural e construído, cidades e campos, seres vivos, ecossistemas, cenários, logradouros, vias, ecúmenos, habitats, fauna, flora, clima, matéria e energia.

As dimensões de mundo podem estar em equilíbrio (quadro I) ou em desequilíbrio (quadro II):

- no *modelo ecossistêmico de cultura* estão em equilíbrio dinâmico; singularidade e reciprocidade são aspectos complementares; há interação, “feed-back” e desenvolvimento recíprocos; as diferenças são enriquecedoras; as dimensões têm um papel pró-ativo,

em termos de doação e recepção.

- no *modelo não-ecossistêmico* estão em desequilíbrio, há destruição e ruptura, diferenças e conflitos são exacerbados, o *poder* torna-se “domínio e exploração”; a *riqueza*, “exploração predatória”; o *crescimento*, “expansão ilimitada”; o *trabalho*, “especialização segmentada”⁽¹⁾.

A análise das configurações existentes e o desenvolvimento de configurações futuras implicam o fluxo de ofertas e demandas entre as diferentes dimensões de mundo, os enlaces e as rupturas que tendem a aproximá-las ou distanciá-las entre si, em termos de diferentes situações e contextos, tanto atuais como potenciais (quadro III).

Quadro I: Configuração de campo no modelo ecossistêmico de cultura

DIMENSÕES RECEPTORAS	DOADORAS			
	Íntima	Interativa	Social	Biofísica
Íntima	Auto-Cuidado	Acolhimento	Serviços	Vitalidade
Interativa	Cooperação	Coesão	Associativismo	Nichos
Social	Cidadania	Participação	Equidade	Sobrevivência
Biofísica	Cuidado	Promoção	Sustentação	Equilíbrio

Leitura vertical (colunas): O que cada dimensão pode doar a si mesma e às demais

Leitura horizontal (linhas): O que cada dimensão pode receber de si mesma e das demais..

Quadro I. No modelo ecossistêmico de cultura, cada dimensão de mundo apoia e recebe apoio das demais (princípios de singularidade e reciprocidade), promovendo o desenvolvimento de uma configuração global favorável à qualidade de vida.

Quadro II: Configuração de campo no modelo não-ecossistêmico de cultura

DIMENSÕES RECEPTORAS	DOADORAS			
	Íntima	Interativa	Social	Biofísica
Íntima	Solipsismo	Cooptação	Massificação	Sujeição
Interativa	Manipulação	Fanatismo	Instrumentação	Dispersão
Social	Tiranía	Corporativismo	Totalitarismo	Extinção
Biofísica	Predação	Danificação	Espoliação	Selvatização

Leitura vertical (colunas): O que cada dimensão infringe a si mesma e às demais

Leitura horizontal (linhas): O que cada dimensão suporta de si mesma e das demais

Quadro II. No modelo não-ecossistêmico de cultura ocorrem rupturas, isolamento e manipulação das dimensões de mundo, busca de hegemonia e conflitos permanentes prejudicam a sustentação recíproca, deteriorando a qualidade de vida.

Quadro III: Geração de eventos na abordagem ecossistêmica

Estágios do Projeto	AVALIAÇÃO DE VARIÁVEIS NAS QUATRO DIMENSÕES DE MUNDO			
	Íntima 1-2-3-4-5 *	Interativa 1-2-3-4-5 *	Social 1-2-3-4-5 *	Biofísica 1-2-3-4-5 *
Diagnóstico de Situação	Cognição, afeto, <i>locus</i> de controle, crenças, desejos, auto-estima, habilidades, expectativas.	Acolhimento, coesão, clima, participação, consenso, autonomia.	Políticas públicas, sociedade, cultura economia, estilos de vida, serviços, equidade	Ecossistemas, ambiente natural e construído, clima, biomas, aspectos bio- físico-químicos
Execução do Projeto	Sensibilização, desenvolvimento cognitivo e afetivo, habilidades (controle existencial)	Apoio aos grupos primários (família, pares) e secundários (redes, comunidades)	Advocacia, ação social, mudanças culturais, políticas, econômicas, movimentos sociais,	Desenvolvimento de ambientes saudáveis equilíbrio corporal, “engenharia” ambiental
Avaliação de Resultados	Bem-estar subjetivo, controle existencial, pró-atividade	Desenvolvimento dos nichos sócio culturais, convívio, solidariedade.	Participação social, cidadania, responsabilidade, desenvolvimento cultural, educação.	Equilíbrio ambiental, equilíbrio corporal. biodiversidade.

* Os números indicam o campo de variação, segundo uma escala de intensidade a ser verificada na situação real.

Quadro III. Para o planejamento, execução e avaliação de um projeto, é necessário trabalhar com variáveis que se expressam em diferentes dimensões de mundo.

Na abordagem ecossistêmica proposta, as configurações causais dos eventos devem ser explicitadas (diagnóstico de situação), tendo em vista o desenvolvimento de novas configurações, suscetíveis de desencadear eventos alternativos (prognóstico de mudança); nesse sentido, os projetos deverão:

- definir os problemas no bojo do “caldeirão fervente”, não os reduzir às bolhas de superfície (questões aparentes, em voga ou predefinidas);
- considerar os eventos como configurações dinâmicas resultantes dos enlaces e rupturas entre as quatro dimensões de mundo: íntima, interativa, social e biofísica;
- analisar o papel atual e potencial dessas dimensões, tendo em vista seu duplo papel como doadoras e receptoras (o que afeta uma, afeta todas);
- promover a qualidade de vida como resultado da singularidade (identidade própria) e do apoio mútuo entre (reciprocidade) as dimensões de mundo.

Para o planejamento e execução de projetos ecossistêmicos recomenda-se:

1. *definir o campo responsável pelos eventos:* As configurações formadas pelas quatro dimensões de mundo (*íntima, interativa, social e biofísica*) deverão ser descritas em termos do campo dinâmico formado pela ação recíproca de cada dimensão sobre si mesma e sobre as demais, campo esse responsável pelos eventos tal qual se apresentam;
2. *definir o espaço de vida:* O espaço de vida deverá ser descrito em termos de ecossistemas (solo, água, ar, flora, fauna), entorno natural e construído, edificações e vias públicas, logradouros, moradias, condições sanitárias, de trabalho, estudo, lazer e cultura, serviços públicos, organizações comunitárias, ecúmeno (urbano/rural), assentamentos;
3. *definir objetivos multidimensionais:* Os objetivos nas quatro dimensões de mundo visarão desenvolvimento pessoal e controle existencial (*dimensão íntima*), qualidade das redes de apoio (*dimensão interativa*), aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais (*dimensão social*), qualidade dos ambientes naturais e construídos (*dimensão biofísica*);

4. *definir as estratégias de intervenção*: O incremento dos processos de doação e recepção entre as quatro dimensões de mundo poderão abranger os níveis micro, meso e macro: trabalho com nichos socioculturais, lideranças naturais e redes de apoio, com setores responsáveis pela organização social, políticas públicas e meios de comunicação social.
5. *definir as formas de implementação, avaliação e seguimento*: Os critérios para a execução, seguimento e avaliação dos projetos face a variáveis relevantes nas

quatro dimensões de mundo deverão ser explicitados, em termos de aspectos educacionais e psicossociais, abrangendo atividades conjuntas de diferentes setores.

Para fins didáticos, o quadro IV apresenta, de forma bastante simplificada, como problemas na área da saúde pública podem ser analisados em termos das quatro dimensões de mundo. Nenhuma dimensão, isoladamente, poderá responder pela “solução” dos problemas, pois eles são o produto da imbricação de todas elas.

Quadro IV: Recepção e doação no modelo ecossistêmico de cultura

Dimensões doadoras	Dimensões receptoras			
	Íntima	Interativa	Social	Biofísica
	Bem-estar Subjetivo	Desenvolvimento dos Grupos	Bem-estar Coletivo	Equilíbrio Biofísico
Íntima (papel das pessoas) <i>O que as pessoas podem fazer pelas dimensões do mundo</i>	Tornarem-se pessoas: Cuidar do próprio desenvolvimento cognitivo, afetivo, ético e cultural; exercer controle existencial	Estabelecer vínculos: Desenvolver solidariedade e compreensão mútua (famílias, colegas, companheiros, outros grupos sociais)	Exercer cidadania: Participação crítica em questões de interesse público em nível local, nacional e mundial, Assumir responsabilidades	Cuidar de si e do ambiente Cuidar do ambiente natural e do ser humano que nele vivem
Interativa (papel dos grupos) <i>O que os grupos podem fazer pelas dimensões de mundo</i>	Acolher as pessoas: Facilitar o acolhimento e desenvolvimento das pessoas em diferentes grupos (família, pares, associações)	Sustentar a si e a outros grupos Desenvolver processos de dinâmica de grupo (coesão, liderança, cooperação, alianças e parcerias)	Organizar a ação coletiva: Apoiar movimentos sociais em prol da qualidade de vida, cidadania, educação, cultura, saúde e bem-estar social	Atuar sobre a vida e o ambiente Cuidar dos seres vivos e do ambiente natural e construído em nível local, regional e global
Social (papel da sociedade) <i>O que a sociedade pode fazer pelas dimensões do mundo</i>	Promover as pessoas: Garantir às pessoas acesso à saúde, educação, moradia, segurança, cultura, trabalho, transporte, lazer e justiça.	Promover os grupos: Facilitar a convivência e a formação de grupos e associações (cívicas, culturais, educacionais, esportivas, etc)	Aperfeiçoar as instituições Implementar políticas públicas democráticas visando ao bem-estar social (equidade, justiça, participação, acessibilidade)	Promover a vida e o ambiente Contribuir para ambientes naturais e construídos saudáveis, estéticos e seguros
Biofísica (papel do ambiente) <i>O que o ambiente natural e construído pode fazer pelas dimensões de mundo</i>	Prover recursos e espaços às pessoas: Satisfazer necessidades vitais, estéticas e de lazer (vida saudável urbana e rural)	Prover recursos e espaços à vida em grupos: Prover locais para atividades associativas e o convívio humano (nichos socioculturais)	Prover recursos e espaços à vida em sociedade: Prover ambientes e instalações para atividades culturais, sociais, econômicas, esportivas e de lazer	Manter-se em equilíbrio dinâmico Manter em equilíbrio os habitats, nichos, a biodiversidade, a flora, fauna, a qualidade de ar, água, solo

Quadro IV. Na gênese de eventos favoráveis à qualidade de vida, as diferentes dimensões de mundo desempenham papéis importantes, mediante processos de doação e recepção mútuos. Pilon, 2005

Os problemas referentes à sociedade, à educação, à cultura, à cidadania, à saúde ,ao meio ambiente, aos ecossistemas e às políticas de desenvolvimento devem ser

compreendidos mediante reflexão e ação sobre a realidade vivida, em termos da descoberta e implementação de um projeto ecossistêmico (quadros V e VI).

Quadro VI: PAPEL DAS DIMENSÕES DO MUNDO NA GÊNESE DOS PROBLEMAS DE SAÚDE

DIMENSÕES	INTIMA	INTERATIVA	SOCIAL	BIOFÍSICA
PROBLEMAS DE SAÚDE	BEM-ESTAR SUBJETIVO	QUALIDADE DOS GRUPOS PRIMÁRIOS	BEM-ESTAR COLETIVO	EQUILÍBRIO AMBIENTAL
DEPRESSÃO (EXÓGENA)	PROJETO DE VIDA	APOIO DE GRUPOS E REDES	OPORTUNIDADES SOCIAIS	ESPAÇOS DE VIDA
DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS	CONTROLE EXISTENCIAL MATURIDADE	VALORES (FIDELIDADE) (DESAFIOS)	POLÍTICAS PÚBLICAS MOVIMENTOS SOCIAIS	PROTEÇÃO FÍSICA (PRESERVATIVOS)
GRAVIDEZ PRECOCE	EMOCIONAL (AUTO-ESTIMA) EQUILÍBRIO	COESÃO FAMILIAR ACOLHIMENTO	POLÍTICAS E SERVIÇOS COMUNITÁRIOS	ESPAÇOS DE VIDA
VIOLÊNCIA TOXICOMANIAS	EMOCIONAL (RESILIÊNCIA)	LIDERANÇAS SUB-CULTURAS	MODELOS CULTURAIS INSERÇÃO SOCIAL	AMBIENTES LOGRADOUROS

METODOLOGIA ECOSSISTÊMICA PARA O DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS

1. Identificando as Configurações Geradoras dos Eventos

1.1. Descrever os eventos em termos das configurações formadas pelas quatro dimensões de mundo (nos nichos sócio culturais de ensino-aprendizagem os eventos poderão ser representados / mediados por objetos intermediários, gravuras, fotografias, narrativas e outras experiências heurístico-hermenêuticas).

1.2. Discriminar variáveis relevantes nas quatro dimensões de mundo, explicitando *fatores favoráveis (f)* e *fatores desfavoráveis (d)* que envolvem sujeitos, grupos, sociedade e meio ambiente (natural e construído), em termos de enlaces e rupturas entre as dimensões de mundo.

2. Alterando a Configuração Geradora dos Eventos

2.1 Propiciar a emergência de novas configurações, mediante processos de doação e recepção entre as quatro dimensões de mundo, incrementando os fatores favoráveis e revertendo os fatores desfavoráveis observados.

2.2. Cuidar para que sujeitos, grupos, sociedade e entorno possam participar de projetos ecossistêmicos, suscetíveis de desenvolver novas formas de estar-no-mundo, em âmbito micro, meso e macro.

2.3. Descrever os resultados esperados e obtidos em termos de objetivos nas quatro dimensões de mundo.

2.4. Comparar os resultados obtidos com os resultados esperados e rediscuti-los nos nichos sócio culturais em termos dos projetos desenvolvidos.

3. Análise Quadridimensional de Fatores na Configuração Atual (item 1.2) e Projetada (item 2.2)

DIMENSÕES DE MUNDO		Íntima	Interativa	Social	Biofísica
		pessoas	grupos / redes	cidadania / políticas	natural / construída
Configuração Atual (Pesquisada)	f				
	d				

A ABORDAGEM ECOSSISTÊMICA NOS NICHOS SOCIOCULTURAIS

Nos ambientes próximos, o compartilhamento de significados, crenças, atitudes, valores e condutas contribuem para o seu enraizamento^{IX}, tanto no sentido tradicional, como face a novas formas de estar no mundo, que se consolidam quando os sujeitos tornam-se suporte e testemunho de um processo de verdade⁽³⁵⁾.

Os grupos diferenciam-se idiossincraticamente das características nomotéticas da sociedade, reinterpretem os acontecimentos em função de suas necessidades, interesses, crenças, valores, percepções e conceitos e são essenciais para a sustentação do tecido social, hoje esgarçado pela massificação e descaracterização das comunidades.

Excetuados os casos em que são cooptados e tornam-se meros apêndices de sistemas políticos, econômicos e culturais, nos nichos socioculturais não há um alinhamento indiferenciado e automático com esses sistemas, ordenações e prescrições não podem ser impostas, sob o risco de serem rejeitadas por decisões coletivas.

A “problematização” não leva à redução da complexidade das questões^X, não se busca a resolução pontual de “problemas-bolha” de superfície, mas a definição das questões no bojo do “caldeirão efervescente”; a reflexão sobre processos e conteúdos propiciará novas indagações e novos questionamentos.

Processos heurístico-hermenêuticos ajudam a desvelar as formas de relacionamento entre sujeitos e objetos de conhecimento, as formas de compreender e estar no mundo em suas diferentes dimensões. Para facilitar esses processos, podemos empregar “objetos intermediários”, como descritos a seguir:

1. Visualização e manipulação de objetos que despertem curiosidade entre os participantes;
2. Registro escrito das percepções individuais em tiras de papel, não identificadas;
3. Distribuição aleatória dos enunciados aos participantes para conhecimento e reflexão;
4. Leitura em voz alta dos diferentes enunciados pelos participantes;

5. Verificação das relações entre sujeitos e objeto que conformaram os enunciados;
6. Análise epistêmica (processos, *noesis*) e temática (conteúdos, *noemas*) dos enunciados.

Os conteúdos que emergem nos enunciados podem abranger uma ou mais dimensões de mundo, (embora estejam afetados por todas elas), conforme indicação a seguir:

<i>Íntima</i>	Descrição dos eventos em termos da personalidade, expectativas, desejos.
<i>Interativa</i>	Descrição dos eventos em termos interpessoais, como em um encontro.
<i>Social</i>	Descrição dos eventos em termos políticos, econômicos e sociais.
<i>Biofísica</i>	Descrição dos eventos em termos do ambiente natural e construído.

Não há procedimentos que garantam *a priori* os fundamentos de qualquer enunciado; explora-se a autenticidade, a espontaneidade, a originalidade e a diversidade de conteúdos e processos, considerando os enlaces e rupturas entre as diferentes dimensões, em termos das formas atuais e potenciais de estar no mundo.

Mediante processos heurístico-hermenêuticos nos nichos socioculturais de ensino-aprendizagem, é possível analisar as diferentes formas de relacionamento entre sujeitos e objetos, importante aspecto para a definição e o trabalho com os eventos, como explicita-se a seguir^(32, 36-41):

<i>Apropriação</i>	Os sujeitos apropriam-se dos objetos alterando as maneiras de situar-se diante deles (novas formas de percebê-los, construção de novos significados)
<i>Erudição</i>	Os sujeitos analisam os objetos mediante categorias lógicas, classificações, descrição de “propriedades”.
<i>Senso Comum</i>	Os sujeitos utilizam formas convencionais, estereotipadas de ver as coisas, sem questionamentos.
<i>Dogmatismo</i>	Os sujeitos interpretam o evento segundo paradigmas fixos, cristalizados em experiências anteriores.
<i>Alienação</i>	Os sujeitos manifestam dependência de terceiros, autoridades, para qualificar os eventos.

^{IX} Enquanto nos ambientes distais (dimensão social), os contatos são categóricos, os rituais são pré-estabelecidos e regidos por normas racionais-legais, nos ambientes próximos (dimensão interativa), os contactos são informais, espontâneos e regulados por afinidade⁽³⁴⁾.

^X Define-se mal um problema quando a) “informação” passa a significar conhecimento; b) esquemas operacionais e táticos assumem o lugar da ação-reflexão; c) identifica-se, classifica-se, reduzindo atos, situações e valores implicados; d) toma-se o possível pelo provável, excluindo o possível-impossível, o imaginário, o utópico e a transgressão; e) reduz-se o risco ao aleatório, o jogo à previsão; f) o diferente passa a ser indiferente, o que é complexo é apresentado como simples, o que é plural torna-se único, repetitivo e monótono⁽³⁵⁾.

Resistência Os sujeitos mantêm-se indiferentes, recusam o contato com o objeto ou não vêm sentido na experiência.

Investiga-se o que é estranho, o que se pretende entender e o que parece familiar e inteligível^(42,43). Superado o receio do desconhecido, o próprio “ponto-de-vista” é investigado a partir de uma interioridade mais profunda; atua-se sobre as variáveis relevantes, gerando-se configurações alternativas.

Os objetos de conhecimento são delineados, ainda que de forma precária e contraditória, como hipóteses de trabalho; o conhecimento não se esgota em si mesmo, podendo ser revisto, enriquecido e transformado; posições e juízos *a priori* são superados em termos de abertura para o novo e desconhecido.

A reflexão, devido ao “excesso de significados”, não se cristaliza na distância crítica reificante, o referencial cognitivo no qual os participantes constroem novas percepções é afetado diretamente pela ampliação dos horizontes de conhecimento, sentimento e ação nos diferentes nichos socioculturais de ensino-aprendizagem.

O compartilhamento no grupo leva os sujeitos além de suas posições originais, os universos conceituais percorrem as dimensões íntima e interativa, os horizontes de percepção são alterados pela apropriação coletiva, os sujeitos podem rever suas posturas, face à ampliação dos horizontes cognitivos, afetivos e conativos.

É um processo dialógico, não há informação fixa sobre nada ou sobre ninguém, a descoberta do próximo e de um novo outro em si mesmo é concomitante. As formas de estar-no-mundo deixam de ser uma *contingência*, passando por um processo crítico de escolha, cuja responsabilidade é compartilhada, face à abertura de novas opções.

O processo implica a circulação de experiências, a investigação solidária, o compartilhamento e análise de diferentes visões-de-mundo; leva-se em conta o papel organizador das antinomias e conflitos, diferentes leituras da realidade são admitidas, explora-se a diversidade no próprio grupo, em termos de convergências e divergências.

As discussões visarão à ampliação dos horizontes de compreensão, em termos de conteúdos e processos, o que poderá levar à ruptura de paradigmas, de formas de conhecer e agir, a partir de novos horizontes cognitivos, afetivos e conativos. Valores, idéias e conceitos poderão ser revistos, novos paradigmas poderão ser discutidos e propostos.

Ao invés da afirmação da “identidade”, do *confronto*, busca-se a “ipseidade”, o *encontro*, a descoberta de um outro em si mesmo, a construção do si-mesmo “como um outro” (o si-mesmo no outro e o outro em si mesmo)⁽⁴⁴⁾. Rompe-se

o envoltório do *idem* (identidade fechada) pelo desabrochar do *ipse* (identidade aberta).

O relação com o “outro” implica o reconhecimento de semelhanças e diferenças; semelhantes enquanto seres humanos, com necessidades comuns que devem ser atendidas, mas diferentes em termos de subjetividade e das diferentes aptidões que enriquecem a vida pessoal e coletiva, “o outro é aquele que me convoca à responsabilidade”⁽¹⁰⁾.

Todos são considerados interlocutores no processo de aprendizagem; a participação é democrática, os sujeitos se sentem em situação de igualdade no grupo, não há interlocutores privilegiados em relação a qualquer outro, os papéis de tarefa e processo são compartilhados.

É necessário desenvolver, nos nichos socioculturais de ensino-aprendizagem, condições que favoreçam o relacionamento adequado entre pessoas, grupos, sociedade e entorno; o pluralismo construtivo⁽⁴⁵⁾ não ignora, nivela ou suprime as diferenças, mas aceita a diversidade, a transforma e enriquece.

O trabalho com nichos socioculturais propicia doação e recepção entre elementos do universo conceitual dos sujeitos e dos grupos (dimensões íntima e interativa), condição necessária para que possam participar de maneira pró-ativa como cidadãos responsáveis pelo ambiente em que vivem (dimensões social e biofísica).

A solidariedade que o mundo de hoje exige não é a dos laços de sangue, de compadrio, de interesses: os indivíduos só poderão se emancipar se estiverem dispostos a trabalhar e cooperar para a emancipação da humanidade; esta, por sua vez, não se pode auto-emancipar sem que também promova a emancipação dos indivíduos que a compõem⁽⁴⁶⁾.

Viver não é uma mera circunstância, ou uma fatalidade, envolve nossas possibilidades de sentir, refletir e agir, percepções, habilidades, expectativas, valores e participação em projetos suscetíveis de modificar nosso contexto de vida, capacidade para empatia, inclusive com aqueles considerados estranhos ou hostis⁽⁴⁷⁾.

REFERÊNCIAS

1. O'sullivan PE. Environment science and environment philosophy. J of Environment Studies 1987; 28: 97-107.
3. Chermayeff S, Tzonis A. Shape of Community, Realization of Human Potential. Middlesex: Penguin Books, 1971.
2. Labonte R. Social inclusion/exclusion: dancing the dialectic. Health Promotion International 2004; 19(1): 115-21.

4. Cohén-Seat G, Fougeyrollas P. La influencia del cine y de la televisión. México: Fondo de Cultura Económica; 1967.
5. Baiocchi G. The Citizens of Porto Alegre. In which marco borrow bus fare and enters politics. Boston Review, 2005. Disponível em URL: <http://bostonreview.net/BR31.2/baiocchi.html>
6. Lang J. The liberty of the fox in the hen house. Allocution de Jack Lang, ministre de l'Education nationale. Paris: Ministère de la Culture; 2001.
7. Rapley J. Devanesan P. Human development: A conversation with woodstock international visiting fellows. Disponível em URL: <http://www.georgetown.edu/centers/woodstock/report/r-fea64a.htm>
8. Ryan WF. Culture, spirituality & economic development: opening a dialogue. Ottawa International Development Research Center IDRC, 1995
9. Macé E. "Loft Story" et le réalisme de la culture de masse. Libération, 2001/07/12.
10. Levinas E. Autrement qu'être ou au-delà de l'essence. Paris: Kluwer Academic; 1974.
11. Fromm E. Escape from Freedom. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1941
12. World Health Organization. *Twenty steps for developing a healthy cities project*. Regional Office For Europe, 1992.
13. Jungk R. *Pari sur l'homme*. Paris: Robert Laffont, 1974.
14. Galt M. *Idon scenario thinking of unknown futures*. Scotland, U.K: Idon; 1997.
15. O'Connor J, Mcdermott I. The art of systems thinking: revolutionary techniques to transform your business and your life. Harper & Collins; 1997.
16. Marias J. *Introdução à Filosofia*. São Paulo: Livraria Duas Cidades; 1996.
17. Wood D. Thinking against the grain. [online] Disponível em: URL: http://www.vanderbilt.edu/AnS/philosophy/faculty/wood_interview.html
18. Miah A. Be very afraid: cyborg athletes: transhuman ideals & posthumanity. J Evolut Techn 2003; 13(2).
19. World Health Organization. Director-General Addresses UN World Conference on Women. Press Release WHO/19, 1985 jul 16.
20. Pienaar WD. The perception of the quality of life under conditions of rapid industrialization. Man-environment Systems. 1984: 79-83.
21. Palo G. La supervisione degli operatori. Bollettino UNICEMP (Unione Italiana Centri Educazione Matrimoniale e Prematrimoniale) 1985: 9-10.
22. Evers T. A face oculta dos novos movimentos sociais. Novos Estudos 1984; 4(2): 11-23.
23. Capra F. *The Hidden Connections: A Science for Sustainable Living*. Harper Collins; 2002.
24. Heisenberg W. *Physics and Philosophy: The Revolution in Modern Science*. New York: Harper and Row; 1958.
25. Shainberg D. Vortices of thought in the implicate order. In Hiley BJ, Peat F. D. *Quantum Implications. Essays in honour of David Bohm*. London: Routledge & Kegan Paul; 1994.
26. Bateson G. *Mind and nature: A Necessary unity*. New York: Ballantine Books; 1979.
27. Prigogine I. *Self-organization in Nonequilibrium systems*. New York: Willey; 1977.
28. Lewin K *Field theory in social science*. New York: Harper and Row; 1951.
29. Bronfenbrenner U. *Making Human Beings Human: Bioecological Perspectives on Human Development*. London: Sage Publications; 2004.
30. Wallner F, Peschl FM.. Realism and General Methodology Phenomena. In: Cohen RS. *Realism and Anti-Realism in the Philosophy of Science*. New York: Kluwer Academic; 1999.
31. Binswanger L. *Being in the world*. London: Souvenir Press; 1957.
32. Pilon AF. Living better in a better world. the ecosystemic approach to quality of life. The Communication Initiative Forum, 2003. Disponível em: URL: <http://www.comminit.com/planningmodels/pmodels/planningmodels-37.html>
33. Rockefeller Foundation Communication and Social Change Network. Exploring the development of indicators derived from a social change and social movement perspective The Communication Initiative Forum. Disponível em: URL: <http://www.comminit.com/socialchange/scfulleval/sld-1974.html>
34. Jessor R, Jessor SL. The perceived environment in behavioral science: some conceptual issues and some

- illustrative data. *Am Behavioral Scientist* 1973; 16: 301-828.
35. Badiou A. Para uma nova teoria do sujeito. Rio de Janeiro: Relume-Damará; 1994.
36. Pilon AF. Qualidade de vida e formas de relacionamento homem-mundo. *Rev Bras Saúde Esc* 1992; 2(3/4):117-25.
37. Pilon AF. Social participation and health education for the promotion of health: how to promote strong events. In: Wilkinson MJ, ed. *Proceedings of the International Health Promotion Conference: where social values & personal worth meet*. London: Brunel University; 1995: p.162-74.
38. Pilon AF. Educação, cidadania e qualidade de vida: dimensões do projeto de vida. In: *Anais do Seminário Educação Ambiental e a Nova Ordem Mundial*. Rio de Janeiro: GEEA/FE/UFRJ; 996: p.146-53.
39. Pilon AF. A construção da qualidade de vida. In: Da Mata SF. *Educação Ambiental: desafio do século: um apelo ético*. Rio de Janeiro: Terceiro Milênio; 1998. p.331-4.
40. Pilon AF. Human ecology on a four-dimension approach: framework for planning In: Lertchalolarn C. *Educating for balance: integrating technology and the human spirit on a global scale*. Bangkok: Chulalongkorn University; 2000: p.483-9
41. Pilon AF. A ocupação existencial do mundo, uma proposta ecossistêmica. In: Philippi Jr A, Pelicioni MCF. *Educação Ambiental e Sustentabilidade*. Barueri: Manole; 2005.
42. Gadamer HG. *Philosophical hermeneutics*. Berkeley: University of California Press; 1977.
43. Rosenwald GC. A theory of multiple case research. In: McAdams DP. *Psychobiography and life narratives*. London: Duke University Press; 1986.
44. Ricoeur P. *O si-mesmo como um outro*. Campinas: Papirus; 1991.
45. UNESCO. Towards a constructive pluralism. *Colloquium Unesco & the Commonwealth Secretariat*. Paris, 1999 jan 29-30.
46. Radnitzki G. *Escuelas contemporânea de metaciencia*. Lund: Scandinavian University Books; 1970.
47. Znaniecki F. *Ludzie terazniejsi a cywilizacja przyszlosci (The People of Today and the Civilisation of Tomorrow)*, Ksiaznica "Atlas", Lwow, 1935.

Endereço para correspondência:

André Francisco Pilon
Av. Dr. Arnaldo, 715
CEP.: 01246-904 - São Paulo - SP
E-mail: gaarine@usp.br